



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

LEONARDO JOSÉ NUNES DE ASSIS

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NOS ANOS FINAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL E
SUAS CONTRIBUIÇÕES NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM.**

**Recife
2018**

LEONARDO JOSÉ NUNES DE ASSIS

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NOS ANOS FINAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL E
SUAS CONTRIBUIÇÕES NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, como requisito para a obtenção de título de licenciado em Pedagogia, orientada pelo Prof.^o M.e: Bruno Fernandes Alves.

**RECIFE
2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

A848c Assis, Leonardo José Nunes de
A contação de histórias nos anos finais da educação infantil e
suas contribuições nos processos de ensino e aprendizagem /
Leonardo José Nunes de Assis. – 2018.
48 f. : il.

Orientador(a): Bruno Fernandes Alves.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade
Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Educação, Recife,
BR-PE, 2019.

Inclui referências e apêndice(s).

1. Educação infantil 2. Arte de contar história na educação
3. Crianças - Livros e leitura 4. Aprendizagem I. Alves, Bruno
Fernandes, orient. II. Título

CDD 370

LEONARDO JOSÉ NUNES DE ASSIS

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NOS ANOS FINAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL E
SUAS CONTRIBUIÇÕES NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

Data da Defesa: __/_____/201__

Horário: ____ horas

Local: _____ - UFRPE

Banca Examinadora:

Prof. Ms. Bruno Fernandes Alves
Orientador

Prof.^a Dra. Carmi Ferraz Santos

Examinadora Interna

Prof. Dr. Ewerton dos Anjos Ávila Luna
Examinador Externo

AGRADECIMENTOS

À espiritualidade amiga, que me inspirou e fortaleceu todo o tempo para que eu chegasse até aqui.

A Luciana Lins de Carvalho, pelo apoio, paciência e amizade que fizeram com que eu não perdesse o foco e adquirisse mais confiança em mim mesmo.

Aos meus colegas de jornada Marcelo Henrique Santos Silva; Marina Lins de Carvalho e Maria Celeste de Menezes.

A todos os professores do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UFRPE, pois, a cada um, por terem realizado a partilha dos seus conhecimentos comigo e com os meus colegas.

Ao professor Bruno Alves, pelas orientações, pelo apoio e pela colaboração no processo de construção desta monografia, bem como pela sua contribuição em minha formação acadêmica.

RESUMO

Esse trabalho teve como foco discutir a contação de histórias nos anos finais da educação infantil, bem como suas contribuições pedagógicas, lançando um olhar específico para os professores dos grupos IV e V da educação básica, em uma escola municipal localizada na cidade do Recife-PE. Como objetivo geral buscamos compreender a importância da prática de contação de histórias enquanto recurso facilitador no processo de ensino e aprendizagem, bem como o seu aspecto lúdico e imaginativo, e, mais especificamente, a) compreender como os livros de literatura infantil contribuem no desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita dos estudantes; e b) observar se os objetivos didáticos do docente são alcançados à medida que ele lança mão do instrumento pedagógico da contação de histórias.. Sendo esse um estudo de natureza qualitativa, buscamos construir um dispositivo metodológico que, dentre outros instrumentos, utilizou-se da análise de conteúdo para produzir uma análise descritivo-analítica das narrativas de três professores entrevistados que trabalham com a contação de histórias junto aos seus aprendizes. Por fim, a nossa pesquisa constatou a utilidade e a funcionalidade da contação de histórias como instrumento psicopedagógico que abre possibilidades no campo cognitivo e de interação mútua entre o professor e o estudante. Além de demonstrar ser bastante útil não só para o desenvolvimento da leitura e escrita nas crianças, mas também para o despertar de outras habilidades significativas a outros campos do aprendizado, sobretudo a formação cidadã.

Palavras-chave: Contação de histórias. Educação infantil. Ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

This work focused on discussing storytelling in the last days of preschool, as well as their pedagogical contributions, giving a specific look to the teachers of the groups IV and V of Elementary School of preschool, in a municipal school. Recife PE. As a general goal we seek to understand the practice of continuing a career as a facilitator in the teaching and learning process, as well as its playful and imaginative appearance, and more specifically, a) how children's literature books contribute to the development of reading and student writing; and b) to observe the didactic objectives of the teacher are reached as he uses the pedagogical instrument of storytelling. Being this a study of the qualitative nature, we sought a methodological protocol that, from other instruments, was used from content analysis to a descriptive-analytical analysis of the narratives of three interviewed teachers who work with storytelling with their learners. Finally, the research consisted of a utility and a feature of story-keeping as a psycho-pedagogical tool that opens up possibilities in the cognitive field and interaction between teacher and student. Besides showing that it is a little useful for the development of reading and writing in children, but also for the awakening of the help of other languages, other fields of learning, especially for a new way of life.

Keywords: Storytelling. Child education. Teaching and learning process

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I:	12
1- Contação de Histórias Infantis, Um Breve Histórico.	12
2- A Importância da Leitura na Educação Infantil e no Estágio Pré-Operatório.	13
3- O Papel do Professor Como Incentivador de Leitura.....	14
4- Contação de Histórias Como Prática Pedagógica.	16
5- A escola como instituição disseminadora de conhecimento e formação cidadã.	18
CAPÍTULO II: PROCEDIMENTOS E REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO ...	20
1- Natureza, Meios e Instrumentos da Pesquisa.	20
2- Universo Pesquisado.....	21
3- Sujeitos Pesquisados	22
4 - Aspectos éticos da pesquisa	23
5- Metodologia de Análise	23
CAPÍTULO III: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	25
1. Cenário geral da pesquisa	25
2 Observações em Sala de Aula	25
3 - Formação dos entrevistados	27
4 - Contação de histórias.....	28
5 - Planejamento, preparativos e execução da contação de histórias	31
6 - Desafios e obstáculos	33
CONSIDERAÇÕES	35
REFERÊNCIAS	38
APÊNDICES	41
ANEXOS.....	47

INTRODUÇÃO

Uma das mais antigas formas de expressão do ser humano é a arte de contar histórias. Por meio delas é possível expressar sentimentos, experiências, emoções e transmitir culturas entre gerações. Na infância pode ser expressa por meio da literatura e das brincadeiras. Às vezes, a própria leitura já é em si mesma parte da brincadeira. É o caso da contação de histórias, que envolve não só modos peculiares de narração por parte de quem conta, mas que, junto à linguagem e conteúdo fantasmagórico, de suspense ou de aventuras, que são próprias dos livros infantis, propiciam às crianças um aprendizado divertido e criativo.

Ao iniciarmos a disciplina Prática Educacional Pesquisa e Extensão I (PEPE I) no ano de 2015, na Escola Municipal 'X', localizada na região metropolitana do Recife-PE, tomamos conhecimento que lá havia um projeto de contação de histórias (Nas Ondas da Leitura). Esse projeto oferecia acervo de livros didáticos e paradidáticos. Os alunos liam um livro por mês e teriam que recontar as histórias, começando a trilhar os caminhos da autoria. A própria Editora MEPH se propôs a editar os melhores títulos dos alunos, selecionados pelos professores ao longo daquele ano. No entanto, com o decorrer dos anos, percebemos que o projeto foi sendo descontinuado, fato que nos despertou interesse e alguns questionamentos. Em particular, chamou-nos a atenção o modo como alguns professores, apesar da não continuidade do projeto Nas Ondas da Leitura, assumiram uma postura de contadores de histórias, associando a contação a alguma finalidade pedagógica, sendo, portanto, essa ação flexível e variável conforme a faixa etária das crianças e os objetivos predeterminados (ensinar uma determinada letra do alfabeto ou formar palavras com diversas letras, etc.). Para as autoras Bordini e Aguiar (1993, p. 18) “o primeiro passo para a formação do hábito de leitura é a oferta de livros próximos à realidade do leitor, que levantem questões significativas para ele”.

Em nossas observações de campo percebemos que ao participar da contação de histórias as crianças têm sua imaginação estimulada. No entanto, indo além, acreditamos que essa prática pode ser particularmente útil, uma vez que educa, instrui, desenvolve as habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura e da escrita, além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil. A ludicidade envolvendo jogos, danças, brincadeiras e contação de histórias no processo de ensino e de aprendizagem desenvolvem o senso de

responsabilidade e também a autoexpressão, assim, as crianças sentem-se estimuladas e aos poucos, de forma leve ou quase imperceptível, desenvolvem-se e constroem seu conhecimento de mundo com prazer e divertimento. A princípio, compreendemos a contação de histórias enquanto estratégia pedagógica que pode favorecer de forma significativa as práticas docentes na educação infantil.

Dessa forma, o levantamento preliminar da literatura demonstra que desenvolver a leitura por meio da contação de histórias expande o universo social e cultural desses educandos ao utilizar a exposição de textos diversos como, por exemplo, contos de fadas, fábulas, lendas, mitos e outras atividades elaboradas a partir da literatura infantil. Também identificamos haver maior ênfase dos estudos acerca da contação de histórias no que concerne ao desenvolvimento da linguagem e da leitura pela criança. Contudo, também há estudos que demonstram que essa prática pode ser associada ao ensino de outras disciplinas e desenvolvimento de habilidades diversas. Se pensarmos, por exemplo, na questão da interdisciplinaridade, podemos abrir um leque com maior amplitude em relação aos processos do ensinar e do aprender.

A partir da revisão da literatura sobre o tema da contação de histórias compreendemos suas repercussões positivas quando aplicadas à educação infantil. No entanto, a partir da experiência de contação de histórias, ora descontinuada, na escola em que atuamos, resta-nos o seguinte questionamento: o que pensa os professores da educação infantil sobre a contação de histórias na rede municipal de ensino ser uma prática importante para o desenvolvimento da ludicidade, da imaginação e do processo de ensino-aprendizagem?

Essa pesquisa foi realizada com os professores dos educandos dos grupos IV e V da educação básica da escola "X" da rede municipal da cidade do Recife-PE, tendo por objetivos o seguinte:

Objetivo geral:

Compreender percepção dos professores da educação infantil sobre a importância da prática de contação de histórias enquanto instrumento facilitador no processo de ensino e de aprendizagem, bem como, seu aspecto lúdico e imaginativo e suas contribuições para o desenvolvimento infantil.

Objetivos Específicos:

- Compreender a importância da contação de histórias no processo de ensino-aprendizagem na educação infantil.
- Observar a prática docente de contação de histórias numa escola da rede municipal do Recife-PE.

Nossa monografia está dividida em três capítulos, a saber:

Capítulo I – que consiste na fundamentação teórica mais densa do nosso trabalho. Nele, foram discutidos o contexto histórico cabível à temática em cena; a importância da leitura na educação infantil, sobretudo no contexto relativo ao aprendizado no Estágio Pré-operatório; O papel do professor enquanto incentivador/facilitador nesse processo; A contação de histórias enquanto prática pedagógica; e, por fim, exploramos a instituição escolar enquanto disseminadora de conhecimento e formação cidadã.

Capítulo II – que se atém especificamente sobre a metodologia desenvolvida nessa pesquisa; indo desde a natureza, meios e instrumentos, passando pelos procedimentos e aspectos éticos, até o referencial teórico metodológico empregado no capítulo posterior – o das análises.

Capítulo III – que trata da análise e discussão dos resultados alcançados nessa monografia. Aqui, foi apresentado o campo de pesquisa, bem como os principais recortes das falas dos interlocutores que entrevistamos, os quais tornaram a realização desse estudo possível. Em sequência, apresentamos as considerações finais.

Assim sendo, por meio dessa pesquisa, nos propomos a contribuir com a ampliação da produção teórica da temática aqui em debate, na grande área da pedagogia.

CAPÍTULO I:

1- Contação de Histórias Infantis, Um Breve Histórico

Neste capítulo propomos reflexões sobre alguns temas relativos ao debate em questão. Iniciamos com uma breve apresentação sobre o início da história da literatura infantil. Em seguida, iniciamos a discussão a respeito do papel e da importância da contação de histórias na educação infantil, que são o foco desta monografia. Em seguida, apresentamos os conceitos centrais relativos ao tema abordado. Por fim, abordamos também o papel da escola, enquanto agente propagador de conhecimento, de cultura, de arte e sua importância basilar na formação de futuros cidadãos (ãs) leitores (as).

A literatura infantil teve início em meados do século XVIII, de acordo com a concepção do que era ser criança naquela época, a origem desse segmento literário tem uma estreita ligação com a pedagogia, por isso, seu caráter artístico e sua função pedagógica são muitas vezes confundidos, muito embora essas duas vertentes e funções estejam presentes na literatura infantil.

Segundo Salém (1970), até meados do século XVII não existia literatura escrita com leitura adequada para as crianças, que levasse em conta aspectos específicos da infância, pois as crianças não eram diferenciadas dos adultos, desta forma, elas ouviam os mesmos contos que eram contados para adultos e pelos adultos.

No século XVIII surge a literatura infantil, de modo que “a fábula passa a ser identificada como uma modalidade literária. [...] é uma curta narrativa criada com o fim de transmitir preceitos morais e seus personagens são, na maioria das vezes, animais” (KAISER, 1976, p. 75).

A fábula possui uma tradição sólida que se popularizou na Grécia com Esopo (IV a. C.), que foi o principal contribuinte e influenciador para a formação de uma tradição escrita das fábulas, embora as suas raízes tenham sido firmadas na tradição oral. A partir das publicações de dois outros fabulistas que foram posteriores a Esopo: Fedro (I D.C.), em Roma, e La Fontaine (século XVII), na França. Com as publicações deste último, a fábula se espalha por todo o mundo ocidental (KAISER, 1976).

Fazendo um paralelo com o século XVII é importante ressaltar que a representação social da criança nos tempos atuais sofreu profundas mudanças, indo

da valorização ao reconhecimento da condição única da infância enquanto fase distinta do desenvolvimento humano, especial e importante na trajetória de todo ser humano. Ao reconhecermos que uma criança não é um adulto em miniatura e que, portanto, têm necessidades específicas que demandam cuidados e instruções adequadas a sua condição infantil, inclusive no campo da literatura, conseguimos lançar um olhar sensível sobre o caminhar social da humanidade e as mudanças de padrões de comportamentos que outrora eram aceitos de forma natural e que na sociedade contemporânea não são mais admitidos, nem aceitos.

2- A Importância da Leitura na Educação Infantil e no Estágio Pré-Operatório

O nosso trabalho de pesquisa parte da concepção de desenvolvimento proposta por Jean Piaget (1896-1980), psicólogo suíço criador da Teoria do Desenvolvimento Cognitivo que, através de minuciosas observações dos seus filhos e de outras crianças, elaborou a Teoria Cognitiva que propõe a existência de quatro estágios de desenvolvimento cognitivo no ser humano. Segundo Piaget (2005), existem quatro estágios de desenvolvimento cognitivo: sensório-motor, pré-operatório, operatório-concreto e operatório-formal, sendo essa a ordem constante em que ocorrem esses estágios. Daremos ênfase para o estágio pré-operatório, tendo em vista que o nosso estudo será realizado com crianças na faixa etária compreendida entre 05 (cinco) e 06 (seis) anos.

O estágio Pré-Operatório marca o início do pensamento. Ocorre em idade aproximada de um, um e meio ou dois anos e vai até cerca de seis ou sete anos. As crianças começam a desenvolver as representações mentais internas ativamente, que tiveram início no fim do estágio anterior, o sensório-motor. As crianças agora podem desenvolver ações e objetos através dos símbolos. Elas conseguem exercer a função simbólica ao falar, ao brincar, ao fazer de conta, ao desenhar.

Esse estágio é um momento muito especial para a criança despertar e descobrir o mundo fascinante das fábulas e histórias infantis, que irão transportá-las para um mundo imaginário e fantástico de aventuras e fantasias extraordinárias através da leitura.

Não é demais lembrar que, em se tratando de Educação Infantil, quem decodifica a escrita é aquele que sabe ler e já conhece, portanto, as letras, sabendo juntá-las, dando-lhes significados. Pode parecer óbvio, todavia, faz-se necessário

frisarmos que a leitura pode ser realizada de forma conjunta, com a criança acompanhando o leitor no ato de ler. Podendo ser feito de diversas maneiras, tais como: por meio do tato, livros com ilustrações atrativas, livros com relevo, livros emborrachados ou, simplesmente, ouvindo narrações de histórias.

É necessária e importante a utilização de informações concretas e acompanhamento das crianças ao acessarem os livros. Kato (1999, p. 14) afirma que "os primeiros contatos da criança com textos ilustrados, a criança ainda não diferencia da função do texto a da figura, achando que esta última também é lida".

Entendemos que a literatura na Educação Infantil tem sua relevância à medida que possibilita aos aprendizes o contato com o universo rico dos livros de literatura infantil, desde que adequadas às suas respectivas faixas etárias.

Pensando sobre as possíveis contribuições que a literatura na educação infantil pode proporcionar aos educandos, elencamos algumas que julgamos importantes: desenvolvimento intelectual, desenvolvimento ético, aquisição de conhecimentos e desenvolvimento em sua formação. Não é demais dizer que essas contribuições se ampliam para além do universo escolar, pois entendemos que a criança leitora está tendo uma preparação para a vida em sociedade, muito embora o hábito da leitura não garanta o seu sucesso social e profissional. Entendemos que a leitura na Educação Infantil tem a capacidade, dentre outras coisas, de jogar sementes num campo fértil de possibilidades e construção de saberes proporcionando às crianças instrumentos de conhecimentos e imaginação que podem ajudá-las a definir seu próprio futuro.

3- O Papel do Professor Como Incentivador de Leitura

Se pensarmos no (a) professor (a) enquanto espelho a partir do qual seus aprendizes (as) se inspiram, faz-se necessário que ele (ela) externe interesse e gosto ao realizar leituras, comunicando-se por meio dos textos escritos e ser um referencial de leitor (a) assíduo e escritor (a) competente.

Crianças normalmente têm tendências à observação e imitação dos seus modelos, sejam esses modelos adequados ou não. Assim sendo, o (a) professor (a) pode, e deve, transparecer interesse genuíno pela leitura que pode ser demonstrado por meio de ações que evidenciem isso para seus aprendizes. Perrone (2000) contribui para essa discussão quando afirma o seguinte:

Para que o ensino literário continue dando seus frutos é necessário que o professor, antes do aluno continue acreditando nas virtudes da literatura. Se o próprio professor não confia mais no objeto de seu ensino, e não faz deste um projeto de vida, é melhor que escolha uma profissão mais atual, menos exigente e mais rentável (PERRONE, 2000, p. 351).

A escola, por sua vez, deve promover o encontro dos educandos com múltiplos portadores de textos e proporcionar um bom relacionamento entre os mesmos, fazendo com que as atividades de leitura e escrita sejam sempre bem recebidas na sala de aula, e que possam apresentar frutos para além do ambiente escolar.

Assim sendo, se pensarmos na literatura infantil como uma ferramenta de texto atraente e envolvente, capaz de apresentar a arte de forma humanizadora, que apresenta ideias de forma diferente e peculiar, podemos deduzir que um professor que se proponha a incentivar os seus aprendizes ao hábito da leitura, encontrará na literatura infantil um instrumento excelente para atingir seu objetivo.

Seguindo a linha de raciocínio de Jolibert (1994) ressaltamos que:

É lendo que nos tornamos leitores e não aprendendo primeiro para poder ler depois: não é legítimo instaurar uma defasagem, nem no tempo, nem na natureza da atividade, entre "aprender" a "ler" e "ler". Colocada numa situação de vida real em que precisa ler um texto, ou seja, construir seu significado (para sua informação ou prazer), cada criança mobiliza suas competências anteriores e deve elaborar novas estratégias para concluir a tarefa. (p. 14).

Ainda partindo da pressuposição do (da) professor (a) enquanto modelo em sala de aula, ele (a) precisa, além de demonstrar gosto pela leitura e escrita, realizar pesquisas para a escolha de material de qualidade para as suas aulas. Assim, os educandos terão no professor, além de um bom referencial de leitor e escritor, uma via de contato com textos importantes que agregarão a aquisição de novos conhecimentos durante o trabalho em sala de aula.

Pensando no planejamento em sala de aula, o (a) professor (a) precisa ter objetivos claros, quando das pesquisas e propostas de leitura e escrita para os seus aprendizes. Norteando-os, fazendo com que eles se sintam interessados, seguros e conscientes de sua aprendizagem.

Em seu livro *Estratégias de Leitura*, Isabel Solé (1998) explica-nos o seguinte.

A interpretação que nós, leitores, realizamos dos textos que lemos depende, em grande parte, do objetivo da nossa leitura. Isto é, ainda

que o conteúdo de um texto permaneça invariável, é possível que dois leitores com finalidades diferentes extraiam informação distinta do mesmo. Assim, os objetivos da leitura são elementos que devem ser levados em conta quando se trata de ensinar a criança a ler e a compreender (SOLE, 1998, p.22).

Pensando nas concepções de leitura que abordamos e nos desdobramentos que essa habilidade proporciona, acreditamos que o (a) professor (a) precisa reconhecer o nível de complexidade que existe para a realização da leitura. Ainda segundo a mesma autora:

O professor deveria pensar na complexidade que o caracteriza e, simultaneamente, na capacidade que as crianças têm para enfrentar de seu modo essa complexidade. Assim, sua atuação tenderá a observá-las e a lhes oferecer ajudas adequadas para que possam superar os desafios que sempre deveria envolver a atividade de leitura. (SOLE, 1998, p. 91).

Quanto às nossas considerações acerca do papel do professor como incentivador de leitura, entendemos, em síntese, que esse papel é essencial para a formação de leitores (as) e escritores (as) competentes, atuando enquanto modelo, facilitador e um mediador por excelência. Suas ações incentivadoras em sala de aula serão o diferencial para estimular os aprendizes para a leitura. Semeando, cultivando e trabalhando para fazer brotar em cada estudante seu o gosto, a competência e a habilidade para a leitura e a escrita. Abrangendo a função social, a leitura de mundo e o poder para transformar a realidade.

4- Contação de Histórias Como Prática Pedagógica

Conforme visto até aqui, a contação de histórias vai muito além de um simples artefato cultural, ou tradição antiga/ costume relativo à tradição oral, aplicado arbitrariamente à educação. A revisão da literatura tem sido enfática ao demonstrar que educandos que frequentam bibliotecas, livrarias, feiras de livros e escolas apresentam maior desenvoltura no decorrer de sua trajetória escolar. De modo que podemos entender essa tradição oral como estratégia pedagógica para desenvolver a linguagem oral, a leitura e a escrita. Compreendemos que "a leitura de histórias é uma rica fonte de aprendizagem de novos vocabulários" (BRASIL, 1998, p.145), de modo que a formação inicial do leitor passa pela atividade de escutar e recontar.

A inserção da literatura desde a infância com os livros que contêm imagens com ou sem textos, mas, sendo trabalhados os contos em salas de aulas e em

outros espaços, pode representar um verdadeiro impulso para aquisição da leitura para além da decodificação do código linguístico. Segundo Bamberger (1995), "a leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade. Trabalhar com a linguagem é trabalhar com o homem" (p. 13).

Com base na revisão da literatura realizada até aqui, podemos apreender que a contação de histórias auxilia de forma valiosa a prática pedagógica dos professores da educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. Podemos citar diversos benefícios que a contação de histórias proporcionam, tais como: estimular a criatividade, a imaginação, a oralidade, facilitar o aprendizado, desenvolver as linguagens visual e escrita, também promove o movimento global e fino, trabalha o senso crítico, valores e conceitos, colabora na formação da personalidade, trabalha as brincadeiras de faz de conta, proporciona o envolvimento afetivo e social da criança e explora a diversidade e a cultura. Não podemos nos esquecer que "a leitura de histórias é uma rica fonte de aprendizagem de novos vocabulários" (BRASIL, 1998, p.145).

Mesmo que a criança ainda não esteja alfabetizada, isto não impede que ela seja apresentada e introduzida ao mundo fantástico das fábulas, contos e histórias infantis, já que a contação de histórias não está unicamente focada no processo de aquisição da escrita formal.

A criança que ainda não sabe ler convencionalmente pode fazê-lo por meio da escuta da leitura do professor ainda que não possa decifrar todas e cada uma das palavras. Ouvir um texto já é uma forma de leitura (BRASIL, 1998, p. 145).

Ao oferecer as diversas oportunidades didáticas e educativas às crianças, os docentes estão capacitando-as para o desenvolvimento de todas as potencialidades da sua língua materna. Ademais, a literatura oral também pode ser trabalhada sob o viés da interdisciplinaridade.

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo história, geografia, filosofia, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 1995, p.17),

É indispensável que o professor conheça os benefícios da prática de contação de histórias como instrumento pedagógico, pois, dessa forma, ele irá realizar o seu trabalho voltado para o desenvolvimento infantil numa perspectiva mais ampla; já que, uma vez utilizando-se desta prática da forma adequada, ele

Proporcionará aos seus educandos: o lúdico, o conteúdo disciplinar, a emoção, e, desta forma, conduzir de forma estimulante a formação de uma geração de aprendizes leitores e escritores.

5- A escola como instituição disseminadora de conhecimento e formação cidadã

Fazendo uma reflexão sobre o espaço escolar e quais seriam seus objetivos, fizemos esse recorte que abrange os tópicos: disseminação do conhecimento e formação cidadã, dentro do ambiente escolar. Vamos iniciar com um breve relato histórico sobre a instituição escolar.

A partir da Idade Média, compreendida entre os séculos V e XV, na Europa, a educação torna-se um produto da escola. Pessoas, em sua grande maioria religiosas, especializaram-se em transmitir o saber. Naquela época, embora o ensino fosse privilégio das elites, da nobreza principalmente, ainda não havia separação entre as crianças e os adultos. Só a partir do século XVII é que a Escola surge como instituição, nos moldes que conhecemos até os dias atuais.

A compreensão da educação enquanto necessidade, ou mesmo direito de todos e todas, é uma construção própria da nossa sociedade contemporânea. Segundo Manacorda (2002), a educação moderna, tem como objetivo, a necessidade de educar humanamente todos os homens.

Os primeiros planos que tratavam da instituição de escolas foram pensados e idealizados, ainda segundo o mesmo autor, em 1763, visando, principalmente, a formação intelectual por meio do ensino de história e das ciências naturais. Porém, não pretendia alcançar toda população, sendo inclusive contrária à educação oferecida aos trabalhadores que era ofertada pelos "irmãos das escolas cristãs" (MANACORDA, 2002).

Entendemos que a escola tem dentre seus diversos objetivos sistematizar e disseminar conhecimentos que foram construídos por uma determinada sociedade. Os processos educativos em geral, que ocorrem no interior da escola, formam uma dinâmica de socialização cultural. Estamos nos referindo a uma educação que prioriza os processos educativos e que tenha como objetivo a formação de cidadãos atuantes e críticos em uma determinada sociedade. O que implica em pensar uma educação promotora do diálogo, que não discrimina, que é solidária, que respeita,

que desenvolve a tolerância e prioriza a emancipação e a autonomia dos atores envolvidos nesse processo.

Pensamos que a escola por excelência tem a competência de sistematizar os conhecimentos que foram e que estão sendo produzidos pela humanidade, realizar a implementação e desenvolvimento de uma pedagogia democrática e participativa. Compreendemos que as metodologias em termos de ensino que precisam ser desenvolvidas, devem necessariamente levar em conta o aluno como sujeito do processo educativo e contemplar uma pedagogia que tenha como base o diálogo e a participação coletiva.

Percebemos a importância da instituição escolar, como disseminadora do conhecimento, com ênfase na instrução e também no processo de desenvolvimento de atividades que venham favorecer o exercício da cidadania para as gerações futuras.

Segundo Ficagna e Orth (2010), para que uma sociedade plenamente democrática seja construída, é essencial que a escola propicie aos estudantes que recebam as informações e a formação que possibilitem a eles exercerem sua cidadania, convertendo os problemas em oportunidades para que sejam capacitados a se organizarem em busca da defesa de seus interesses e através do diálogo e da negociação procurarem soluções, acatando as regras estabelecidas.

CAPÍTULO II: PROCEDIMENTOS E REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO

1- Natureza, Meios e Instrumentos da Pesquisa

O presente estudo está caracterizado como sendo de natureza qualitativa, que costuma apresentar como um de seus principais objetivos a interpretação do fenômeno que observa, levando em conta o contexto do objeto pesquisado. Minayo (1994) descreveu as metodologias de pesquisa qualitativa como sendo aquelas que incorporam significado e intencionalidade como iminentes aos atos, às relações e às estruturas sociais. Construímos para a realização dessa monografia um dispositivo analítico que se inspirou nas proposições da análise de conteúdo de Bardin (2004).

A pesquisa empírica é aquela que se dedica ao tratamento da “face empírica e fatural da realidade: produz e analisa dados, procedendo sempre pela via do controle empírico e fatural” (DEMO, 2000, p. 21).

Ainda sobre a pesquisa qualitativa, Oliveira (2008), considera que esse tipo de pesquisa inclui a interpretação como foco, a subjetividade é enfatizada, há flexibilidade na conduta do estudo, o interesse é no processo e não no resultado, o contexto é ligado ao comportamento dos atores/ pessoas e há influência da pesquisa sobre a situação vivenciada.

Segundo Chizzotti (1991, p. 79):

[...] A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa: o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado (CHIZZOTTI, 1991, P. 79).

Dado o nosso problema de pesquisa, e, considerando ser esse um estudo de natureza qualitativa, procuramos construir um dispositivo metodológico que melhor abrangesse nosso objeto de pesquisa. Dessa forma, optamos pelas entrevistas semiestruturadas que, associados à observação direta, foram analisadas à luz da análise de conteúdo de Bardin (Cf. BARDIN, 2004). Trata-se essa última de uma metodologia de análise de dados qualitativos. Nela, destaca-se a categorização, descrição e interpretação como etapas metodológicas essenciais (MORAES, 1999).

Desse modo, foi possível a análise dos materiais produzidos a partir da comunicação dos interlocutores.

Para o procedimento de realização das entrevistas foram utilizados equipamento de gravação de áudio e um roteiro de entrevistas semiestruturadas (Apêndice B). As entrevistas semiestruturadas demonstraram ser o recurso que melhor se adequou aos objetivos dessa pesquisa, sobretudo pela possibilidade que estas fornecem de elaboração prévia de um roteiro que facilitasse o surgimento dos conteúdos desejados (MINAYO, 1994).

O roteiro de entrevistas foi estruturado de acordo com os objetivos geral e específicos da pesquisa. Para a elaboração dos roteiros¹ nos baseamos nas contribuições de Minayo (1994) que defendeu a necessidade de as mesmas: 1) conterem questões que fizessem parte diretamente do delineamento do objeto; 2) possibilitarem a ampliação e aprofundamento e não cerceamento da comunicação; 3) contribuírem para a emergência das visões e juízos acerca dos fatos e das relações que compuseram o objeto. Ainda segundo a autora, o roteiro de entrevista deveria conter poucas questões de modo à funcionar como um facilitador do que ela chamou de uma “conversa com finalidade” (p.99).

Outro instrumento agregado ao nosso método foi a observação direta. Apoiamos-nos na compreensão de Lakatos e Marconi (1992) que conceituam a observação direta enquanto atividade intensiva que “[...] utiliza os sentidos na observação de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar” (LAKATOS E MARCONI, p. 126, 1992). Assim sendo, realizamos seis observações diretas, no período de seis meses, a saber: de maio a outubro de 2018.

2- Universo Pesquisado

Essa pesquisa foi realizada com os professores que atuam diretamente com educandos da escola municipal “x”, situada no bairro da Guabiraba, da rede municipal na cidade do Recife-PE.

A escola “x” na qual realizamos nosso campo de pesquisa conta com uma estrutura de dois prédios, sendo uma sede e um anexo, foi nesse último o prédio em que de fato transcorreu a nossa pesquisa. O corpo estudantil é composto de 440

¹ Ver apêndice B.

(quatrocentos e quarenta) alunos, distribuídos desde o grupo IV até o 5º ano, numa média de 25 (vinte e cinco) alunos por sala. Seu corpo diretivo é composto por 01 (uma) dirigente, 01 (uma) vice-dirigente, 01 (uma) assistente de direção e 01 (uma) coordenadora pedagógica, e o corpo docente conta com 12 (doze) professores.

Tendo sido o objetivo central desse estudo compreender a importância da prática de contação de histórias enquanto instrumento facilitador no processo de ensino e de aprendizagem, bem como, o seu aspecto lúdico e imaginativo e suas contribuições para o desenvolvimento infantil. Assim sendo, realizamos inicialmente um mapeamento, junto à Direção da escola na qual se deu nosso campo de pesquisa, das professoras que empregam a contação de histórias em suas práticas pedagógicas cotidianas.

Nesse levantamento inicial foram localizados três profissionais que se utilizam da prática de contação de histórias. Sendo que duas interlocutoras trabalham diretamente com os grupos IV e V e o terceiro interlocutor atua em atividades complementares na biblioteca da escola, junto a todas as crianças, desde o grupo IV ao 5º ano. Assim sendo, trabalhar com a contação de histórias, junto às crianças dos grupos IV e V, foi o critério de seleção dos interlocutores da nossa pesquisa.

Após esse levantamento, iniciamos o processo de visitação aos interlocutores, e inicialmente foram apresentados os objetivos da nossa pesquisa; o que se deu por meio da exposição de uma síntese da versão preliminar dessa monografia, contendo os principais interesses da nossa pesquisa. Em todas as visitas, foi ao final deixado uma cópia fidedigna do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A). Por fim, foi feita a troca de contatos (endereços de email e/ou números de telefone) e agendada uma data para formalização por parte das e dos profissionais contatados se haveria interesse ou não em participar da pesquisa. Posteriormente, havendo o interesse de colaboração em nosso projeto, foram agendadas as datas de realização do procedimento de entrevista.

3- Sujeitos Pesquisados

Conforme já mencionado, esse estudo foi realizado na escola “X”, junto aos professores da educação infantil, cuja atuação se dá especificamente com os grupos IV e V. Na nossa pesquisa foram entrevistados ao todo três interlocutores: duas professoras que atuam diretamente com os grupos IV e V e um professor

readaptado que está temporariamente alocado na Biblioteca da referida escola. A formação dos professores pesquisados está detalhada no capítulo III.

4 - Aspectos éticos da pesquisa

Todo o processo de coleta e análise das entrevistas realizadas para elaboração dessa monografia obedeceu às diretrizes do Curso de Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Conforme já mencionado, a participação de cada entrevistado/a na pesquisa só foi possível mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A).

A realização da pesquisa se baseou no princípio ético da confidencialidade e do anonimato. As pessoas entrevistadas tiveram resguardados o direito da não-revelação das informações que desejaram manter em sigilo, e, sobretudo, resguardando o cuidado de não revelar informações que pudessem resultar na identificação dos participantes da pesquisa.

5- Metodologia de Análise

Foi utilizada a análise de conteúdo como recurso para análise do material obtido nessa pesquisa. Desse modo, foi possível uma análise de materiais produzidos a partir da comunicação dos interlocutores.

O método de análise de conteúdo constitui-se enquanto conjunto de técnicas utilizadas na análise de dados qualitativos “cujo objetivo é a busca do sentido ou dos sentidos de um documento” (CAMPOS, 2004, p. 611). Foi sistematizado no início do século XX e a princípio foi importante ferramenta na busca dos sentidos dos artigos e propagandas da imprensa escrita nos Estados Unidos, Tem sido amplamente utilizado em pesquisas científicas nos mais diversos campos de produção do conhecimento (Ibidem).

A análise de conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos diversificados aplicáveis aos discursos, que busca compreender criticamente os sentidos das comunicações (BARDIN, 2004), numa leitura que extrapola o mero conteúdo lexical dos materiais em análise. O processo de análise dos dados se constitui em uma análise temática inspirada em Bardin (2004), da qual destacamos duas etapas:

- Pré-análise: Trata-se da fase da organização, seleção e escolha do *corpus* (no caso particular dessa pesquisa o *corpus* constitui-se pelas transcrições das entrevistas e observações de campo). Nesse primeiro momento a leitura deve ser flutuante, pois o intuito é estabelecer contatos mais iniciais com o texto, facilitando o surgimento de impressões que orientam a elaboração dos indicadores que servem para a interpretação dos resultados.
- Tratamento dos resultados e interpretação: Os resultados brutos são tratados e permitem estabelecer quadros de resultados que destacam as informações fornecidas pelo processo de análise. Segundo Bardin (2004, p. 95) “o analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas”.

Na primeira fase foram realizadas leituras exploratórias do material coletado, já nesse momento nos ocorreram as primeiras impressões acerca do conteúdo (*corpus*); em seguida iniciamos o procedimento descritivo-analítico dos principais eixos temáticos da pesquisa, os quais serão apresentados no capítulo a seguir.

CAPÍTULO III: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

1. Cenário geral da pesquisa

O presente estudo foi realizado com três professores do ensino fundamental da educação infantil em uma escola da rede municipal na cidade do Recife-PE; atribuímos-lhes nomes fictícios, de modo que serão referidos aqui como Juliana, Cláudia e Roberto. Para a realização das entrevistas, foram feitos contatos com os professores entrevistados, apresentamos os objetivos do nosso trabalho e, então, formalizamos o convite para participação em nossa pesquisa. Conforme já mencionado anteriormente, as entrevistas foram orientadas pelo roteiro de entrevista que, tendo sido previamente padronizado, foi replicado em todas as entrevistas.

2 Observações em Sala de Aula

Durante as seis observações realizadas com os três professores em sala de aula, incluindo a biblioteca, ou seja, duas observações por professor, pudemos constatar que em quase todas elas a contação de histórias e /ou a leitura de um ou mais livros de literatura infantil se fizeram presentes, o que sugere ser essa uma prática pedagógica comum no cotidiano escolar em questão.

Observamos também que os professores mantêm uma rotina em sala de aula, fazendo num primeiro momento a acolhida de seus alunos com cânticos, oração, contagem dos alunos, observação do tempo, chamada, correção de tarefas, etc. Depois, a professora fala sobre o tema que será abordado naquele dia. A organização da rotina é importante já que orienta as crianças quanto ao tempo e ao espaço, além de ajudar na execução do planejamento pedagógico. Segundo Santos (2007, p. 01), "a rotina é o instrumento capaz de concretizar as intenções educativas, que se revela na forma como são organizados os espaços, tempo, os materiais, as propostas e as intervenções do professor".

Há uma exceção com relação à rotina dos professores, isso se dá quando a atividade é realizada na biblioteca da escola, onde a atividade, embora sempre tenha uma finalidade pedagógica, a ludicidade e a descontração se fazem mais presentes, nesse caso, levamos em consideração que as atividades na biblioteca têm um diferencial por se tratar da exploração de um outro espaço que não é a sala de aula rotineiramente frequentada pelos estudantes. Por exemplo, tivemos a oportunidade de observar uma atividade na referida biblioteca com o professor

Roberto que estava trabalhando naquele dia com o livro de Ruth Rocha, intitulado Quando a Escola é de Vidro. O professor iniciou a leitura do livro até um determinado trecho e depois pediu aos estudantes que falassem o que haviam compreendido até aquele momento, os alunos podiam fazer suas interpretações de forma livre e espontânea oralizando descontraidamente o que tinham entendido sobre o trecho lido pelo professor Roberto.

Pudemos perceber a descontração dos estudantes quando estiveram fora da sala de aula. Apesar de ser no mesmo ambiente da escola, no caso da biblioteca, a mudança de ambiente proporcionou maior motivação nas crianças. Para Coelho (2002, p. 10), “a história faz com que todos sorriam e a aula passa a ser uma divertida brincadeira”. Além disso, como a própria autora afirma, se “até gente grande volta a ser criança e a gostar de histórias, imaginem as crianças” (Ibidem). Porém, para que essa magia aconteça, o narrador fará a contação dando a devida importância à história em questão, emprestando sua vivacidade e perspicácia à narrativa. Segundo Abramovich, “não deveríamos esquecer nunca que o destino da narração de contos é o de ensinar as crianças a escutar, pensar e ver com os olhos da imaginação”[...] (ABRAMOVICH, 1995, p. 17).

De acordo com as autoras Souza e Cordeiro (1997), as histórias, além de proporcionarem o interesse nas crianças pela leitura, desenvolvem também o encantamento, uma vez que elas vivenciam emoções e sentimentos que são passados pelos personagens das histórias.

Queremos destacar que a presença da contação de histórias, tanto nas salas de aula observadas quanto em sua biblioteca, constitui uma realidade do cotidiano da escola em questão, em particular nas turmas dos grupos IV e V.

A partir das nossas observações ficaram evidenciadas a viabilidade e importância do emprego da contação de histórias, sobretudo no que diz respeito à facilitação do processo ensino e aprendizado. Souto-Maior (2000) revela-nos que por meio das histórias as crianças tornam mais amplo e rico o seu mundo mágico, além de aprenderem a lidar com diversas situações e ampliar seu repertório verbal, ou seja, aprendem a construir uma linguagem diferenciada da fala cotidiana.

3 - Formação dos entrevistados

Iniciamos as entrevistas realizando o levantamento dos percursos formativos dos docentes entrevistados. Juliana e Cláudia possuem formação em Pedagogia, diferentemente de Roberto, cuja formação é em Filosofia, já sendo graduado há mais de vinte anos.

Todas as pessoas entrevistadas possuem pós-graduação. Juliana é especializada em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Roberto possui duas pós-graduações – uma em História de Pernambuco e outra em História Moderna, além de Mestrado em Educação. Cláudia informou ter Especialização em Educação Infantil.

Todos os interlocutores da nossa pesquisa relataram já ter participado de formação continuada, Juliana e Claudia informaram que participaram do programa de formação continuada ofertado pela prefeitura do município, que se chama Programa de Letramento do Recife (ProLer). Esse programa tem como objetivo estimular os estudantes do Ensino Fundamental a serem autores de textos literários. Já, Roberto, nos deu o seguinte relato:

Participo de poucas oferecidas pela Prefeitura de Recife, pois a maioria delas não contribuem significativamente para minha prática pedagógica. Recentemente participei do Colóquio Internacional Paulo Freire e também do ' V ' Congresso Nacional de Educação (CONEDU).

Quanto às turmas em que lecionam, bem como as atividades exercidas, todos os entrevistados atuam com grupos diferentes. De modo que a professora Juliana, neste momento, atua com o Grupo V da Educação Infantil, que compreende crianças entre cinco e seis anos. Já a professora Cláudia trabalha atualmente com o Grupo IV da Educação infantil, que compreende crianças de quatro e cinco anos. E o professor Roberto informou que, por ora, encontra-se atuando como professor readaptado temporariamente na Biblioteca da Escola em que realizamos o nosso campo de pesquisa. No caso do professor Roberto ele nos informou ainda que, há aproximadamente nove anos, ingressou na Educação Infantil via concurso público. Mesmo com duas décadas de trabalho no ensino médio, a princípio com algumas dificuldades em relação à educação infantil, mas pelo fato de gostar muito de crianças e com a ajuda de suas colegas de trabalho conseguiu ultrapassar as barreiras, dentre elas a do preconceito.

4 - Contação de histórias

Adentrando mais especificamente no tema do nosso objeto central de pesquisa, elencamos perguntas relativas às concepções de cada professor entrevistado quanto à contação de histórias na Educação Infantil. As respostas obtidas nessa etapa foram relativamente aproximadas e convergiram no sentido de corroborar com a nossa hipótese inicial de que a técnica da contação de histórias apresenta resultados positivos no processo ensino-aprendizado das crianças da educação infantil.

Para a professora Juliana, a contação de histórias para crianças é, com certeza, uma das primeiras maneiras de transmitir conhecimento e estimular a imaginação de educandos ainda pequenos. Em sua concepção, a prática de contar histórias pode e deve ser usada nas escolas, principalmente no segmento da educação infantil. Nessa mesma direção, Cláudia pontuou que a contação “é um momento mágico onde as crianças devem se sentir encantadas, para que possam, assim, começar o interesse pela leitura visual”. Para Roberto, a contação de histórias é importantíssima, porém dependerá do desempenho do contador ou contadora. Em seu entendimento, quem conta faz a diferença. Pode levar a criança a despertar o seu senso crítico ou pode lavá-la à acomodação e ao ajustamento da ordem social estabelecida.

Quando afirmo que a contação de histórias é importante, **me refiro que ela pode ir além da leitura e da escrita, possibilitando-as libertação.** Contar história deve despertar a imaginação, a criatividade, a emoção, a leitura, a aprendizagem, mas, acima de tudo, a emancipação. **Tem que ser vista como ponto de partida, jamais como ponto de chegada** (ROBERTO).

A fala de Roberto é bastante significativa uma vez que extrapola a noção da contação de histórias enquanto prática de estimulação meramente cognitiva; para ele a contação tem um papel ampliado, quando concebida dentro de uma concepção crítica. Segundo Bamberger (1995, p.13), “a leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade”, ou seja, envolve a construção da subjetividade da criança, seu modo de conhecer o mundo e a si mesma.

Por outro lado, “ideologias dominantes que sempre tiveram grande impacto durante toda a história do ensino brasileiro estão se reordenando para se adaptar às

novas necessidades políticas e econômicas” (PEREIRA E BATISTA, 2016, on-line²). Ademais, vivemos um período peculiar e igualmente tenso na história da Educação no Brasil, se por um lado temos um significativo movimento de contestação das ideologias que sempre dominaram a lógica educacional, por outro temos uma onda conservadora que tenta reinstaurar uma concepção supostamente acrítica, neutra ou apolítica na Educação³.

A entrevista como um todo, e, em particular o recorte anterior da fala de Roberto, sugerem seu alinhamento teórico ao pensador Paulo Freire, sobretudo pela noção libertária que parece estar subjacente em sua prática educacional, bem como em seu discurso. Tal impressão é especialmente reforçada quando nos debruçamos sobre o trabalho de Paulo Freire; para maior esclarecimento, trouxemos um recorte do trabalho desse teórico que parece respaldar o comentário do nosso entrevistado:

É preciso, sobretudo, [...] que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção (FREIRE, 2015, p. 24).

Nesse sentido, corroboram Pereira e Batista (2016) ao pontuarem que se faz necessário “uma ação crítica e reflexiva no sentido de enquanto docentes nos reordenarmos também no sentido de defender os interesses dos oprimidos através de uma educação problematizadora pautada no diálogo entre educador e educando” (2016, on-line). A fim de facilitar a compreensão de seu ponto de vista, o professor Roberto nos deu ainda o seguinte exemplo:

A gente está trabalhando atualmente em um livro de Ruth Rocha, Quando a Escola é de Vidro, que é uma história muito bacana onde os alunos eles assistem aulas dentro de vidros! E chega um momento onde um aluno sente a necessidade, a partir de um visitante que vem da periferia, de falar, mas não pode falar! Isso aí é uma metáfora né... A autora usa (para as) crianças o exercício contínuo da consciência crítica, as levando a sua emancipação, a metáfora (é) um vidro! E aí o aluno se sente incomodado pelo fato de estar ali e não poder falar e ele começa a sair, a estourar a tampa e sai... Mas em seguida a professora, que no caso a Ruth Rocha cita (é) a Demência, (ela) chama a professora de Demência, coloca o menino para dentro do vidro de novo, mas no outro dia aparece no lugar de um, aparecem dois, depois mais dois, depois mais dois... **E**

² O artigo citado não possui paginação, tendo o mesmo sido publicado originalmente no IX Colóquio Internacional Paulo Freire e pode ser consultado no seguinte link: <

<http://coloquio.paulofreire.org.br/participacao/index.php/coloquio/ix-coloquio/paper/view/553>>

³ A exemplo disso temos o controverso Projeto de Lei conhecido como “Escola sem Partido”

depois a gente vê uma revolução dos alunos em relação (a) um modelo de escola que os alunos não aceitam mais, que é a questão da acomodação. Pensamos que não. O que nos falta talvez seja uma preparação cognitiva e empírica que venha a possibilitar que a contação de história não se resume apenas na imaginação, no deleite, mas contribua significativamente para sonhos de emancipação política, cultural, social e econômica. Sem esta visão a contação de história se torna inócua politicamente (ROBERTO).

A fala do entrevistado é particularmente útil para se pensar a importância da contação de histórias nas escolas, sobretudo porque vivemos em um momento peculiar de nossa história: com o ainda proeminente protagonismo da mídia enquanto veículo formador de opinião e com o avanço das tecnologias, sendo essas cada vez mais acessíveis às crianças de maneira quase indiscriminada; as informações chegam pelos meios de comunicação ampliando os horizontes e os conhecimentos (Cf. MATEUS et al, 2014), ao mesmo tempo em que essa informação pronta, pré-concebida e mal refletida chega às crianças com volume e velocidade preocupantes. Diante desse cenário, conforme bem assinalam Mateus et al (2014, p. 54), “os livros estão sendo deixados de lado, as histórias estão sendo esquecidas, o que torna um desafio para o educador fazer com que as crianças em idade escolar tomem gosto pela leitura”. Acreditamos que é nesse sentido que o professor Roberto defende a importância da leitura – estimulada a partir da contação de histórias, já que estamos tratando de crianças em processo de alfabetização – enquanto meio de libertação e emancipação.

A partir de sua fala, sobretudo no trecho negrito, sua concepção acerca da contação de histórias e da leitura demonstra estar atravessada por uma compreensão crítica e politizada. Para ele, a contação de histórias teria, portanto, um papel que extrapola o desenvolvimento das habilidades envolvidas nos processos cognitivos de leitura e escrita – trata-se de desenvolver e aguçar nas crianças a capacidade de ir além do texto, ou seja, o contexto. Nesse sentido, corroboram Mateus et al (2014) quando também realçam outros aspectos envolvidos na contação de histórias

A contação de histórias é um precioso auxílio à prática pedagógica de professores na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A contação de história instiga a imaginação, a criatividade, a oralidade, incentiva o gosto pela leitura, contribui na formação da personalidade da criança envolvendo o social e o afetivo (MATEUS et al, 2014, p. 55).

Quando pensamos na prática de contação de histórias como uma possibilidade pedagógica e ao mesmo tempo lúdica, encontramos eco nas palavras dos autores que respaldam a nossa pesquisa, pois ao estabelecermos as pontes literárias e de pensamentos afins que apontam caminhos e possibilidades outrora percebidos por nós, apenas de forma intuitiva mas que agora, torna-se consistente ao apoiar-se em renomados acadêmicos da área pesquisada, faz com que tenhamos certeza da importância do tema aqui abordado

5 - Planejamento, preparativos e execução da contação de histórias

Apesar da contação de história ser uma prática milenar, e em seus primórdios ter sido feita de maneira intuitiva por nossos ancestrais, quando aplicada à educação requer planejamento estratégico com base no público alvo a ser trabalhado, bem como nos objetivos a serem alcançados (valores transmitidos, lições voltadas à determinada área do saber, desenvolvimento de determinadas habilidades, etc.),

Referente ao planejamento das aulas e atividades que envolvem a contação de histórias, a professora Juliana nos deu o seguinte relato:

Geralmente começo a contação de histórias e a partir da história, tiro o tema a ser trabalhado que pode ser em qualquer disciplina. Posso fazer uma dramatização(Artes), trabalhar palavras chave (linguagem escrita) ré-contação de história (linguagem oral), local onde acontece a história (Geografia). Enfim, tem uma infinidade de conteúdos a serem trabalhados (JULIANA).

Já a professora Cláudia, informou-nos o seguinte:

Planejo para o início da aula. As atividades devem ser relacionadas de acordo com a contação da história daquele dia, envolvendo a temática e trabalhando a interpretação textual.

De semelhante modo, o professor Roberto também planeja as atividades. O planejamento deve, em suas palavras:

Este, sim, deve ser entendido como processo diário. No mesmo momento que estamos contando uma história, já estamos articulando a partir das indagações das crianças com outras histórias. A contação de história não pode ser algo fragmentado e nem tampouco fora da realidade da criança, tem que ter um foco, foco este que possibilite a longo prazo a libertação da classe popular, via literatura e história, experiências populares. Todo este mês de outubro estamos contando contos populares referentes ao mês da criança, mas, não deixamos de falar e contextualizar o momento que estamos vivendo. Trabalho um livro de Ruth Rocha intitulado 'Quando a

Escola é de Vidro' e um outro chamado 'O Capital para Crianças' (Roberto).

Quanto à questão relativa ao momento específico em que a contação de histórias se faz presente em sua prática pedagógica Juliana e Cláudia preferem realizar a contação de história logo no início das aulas, considerando que a partir dela se desenrolarão as demais atividades previstas para o dia.

Realizo logo no início das aulas (após acolhimento) porque as crianças estão mais tranquilas (Juliana).

Para a professora Cláudia quando a contação de história está programada para o dia as atividades devem ser iniciadas por ela logo no início, sempre que houver essa possibilidade, dando ênfase no assunto que será abordado naquele dia.

O professor Roberto ofereceu uma perspectiva mais complexa. Segundo ele:

Temos a concepção e convicção que prática pedagógica não se resume apenas ao espaço da sala de aula e nem à própria escola. Percebemos a Presença da contação de história no ambiente escolar quando a criança faz algumas perguntas, como “tio, já vimos essa história ou não vimos? ou tio, quando é a próxima contação?; tio, somos mesmo capazes de mudar o mundo? A nós mesmos? Aos coleguinhas? Ou então, que história chata. Tem outra melhor?” [...] (ROBERTO).

A fala de Roberto traz à tona outro aspecto importante, o de que a contação de histórias precisa ser pensada em um contexto ampliado, compreendendo-a enquanto método capaz de promover aprendizagens múltiplas, conforme assinalam Mateus et al (2014) no recorte a seguir

A ação de contar histórias deve ser utilizada dentro do espaço escolar, não somente com seu caráter lúdico, muitas vezes exercitado em momentos estanques da prática, como a hora do conto ou da leitura, mas adentrar a sala de aula, como metodologia que enriquece a prática docente, ao mesmo tempo em que promove conhecimentos e aprendizagens múltiplas (MATEUS et al, 2014, p. 66).

O planejamento e a preparação para a contação de histórias são pontos importantes que devem ser levados em consideração. Nesse momento, o professor deve ter em mente, de maneira clara, os seus objetivos e o desenvolvimento que quer alcançar, trabalhando com seus educandos, escolhendo as histórias certas, por meio dos quais seja possível às crianças participarem dando suas opiniões,

questionando e compreendendo as histórias. Sobretudo possibilitando-as compreenderem-se enquanto agentes de transformação em suas vidas, auxiliando-as nos caminhos para suas descobertas com significado, re-significado e com prazer.

O cuidado com o espaço físico e os materiais escolhidos podem garantir o sucesso da atividade. Segundo Rodrigues (2015)

O objetivo do trabalho com a contação de histórias é possibilitar aos estudantes um importante momento para refletir sobre seus conceitos, seu corpo, o corpo do outro e a inter-relação desses corpos com o mundo, permitindo também, o favorecimento da cultura de valorização da leitura (RODRIGUES, 2015, p. 65).

Levando em consideração a importância da contação para o desenvolvimento infantil, elencamos alguns pontos que julgamos importantes na preparação e no planejamento da contação de histórias:

- Seleção adequada da história a ser contada;
- Metodologia de contação;
- Preparação de cenário caso o professor lance mão desse recurso.

6 - Desafios e obstáculos

Por fim, a nossa última pergunta elencada nas entrevistas teve por objetivo saber se existem dificuldades para a utilização de contação de histórias nas práticas educativas, mais especificamente no contexto institucional. Nesse sentido, a professora Juliana respondeu o seguinte:

Não percebo dificuldades para a utilização de contação de histórias nas práticas educativas, muito pelo contrário, compreendo que só depende do professor a utilização ou não dessa prática (JULIANA).

A partir de sua fala ponderamos que as dificuldades apontadas pela professora Juliana se referem às disposições internas de cada professor, não sendo, portanto, uma questão de pertencimento institucional ou do espaço escolar (estrutura física, concepção pedagógica adotada pela gestão, etc.). A professora Cláudia, sem aprofundar a questão, ponderou que acredita não haver dificuldades da parte dela quanto à realização da contação de histórias na escola em que atua.

Finalizando esse tópico das entrevistas, o professor Roberto, em consonância com as demais entrevistadas, respondeu que não percebe nenhuma dificuldade ou desafio que cause obstáculo à contação de histórias no contexto escolar. Em suas palavras:

Não creio que exista dificuldade para a utilização de contação de histórias nas práticas educativas. Se temos um trabalho voltado para o folclore brasileiro, por exemplo, com lendas, fábulas e todos tipos de contos, mas se dermos ênfase além do cultural , a realidade do bairro; a realidade da escola, pedindo as contribuições do aluno fazendo um “Link” entre o livro , a história, o conto , trabalhando na biblioteca com vários alunos e depois a apresentação desse conto em forma de teatro; em forma de poema; em forma de paródia,etc.Teremos uma gama de possibilidades para trabalhar nas práticas educativas (ROBERTO).

Considerando tudo que foi dito até o presente momento, a contação de histórias demonstrou ser de fácil aplicação e acesso, não tendo sido identificados empecilhos na visão geral dos professores entrevistados neste estudo. Assim sendo, a nossa pesquisa constatou a utilidade e a funcionalidade da contação de histórias como instrumento psicopedagógico que abre possibilidades no campo cognitivo e de interação mútua entre o professor e o estudante. Além de demonstrar ser bastante útil não só para o desenvolvimento da leitura e escrita nas crianças, mas também para o despertar de outras habilidades significativas a outros campos do aprendizado, sobretudo a formação cidadã.

Dessa forma, o objetivo da contação de histórias deve ser o de possibilitar às crianças aprendizes a oportunidade de refletir sobre si mesmas, sobre seus conceitos e pré-conceitos, sobre seus lugares no mundo enquanto sujeitos possuidores de direitos e deveres. E, por fim, a contação de histórias deve atuar para o favorecimento da cultura de valorização da leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das mais antigas formas de expressão do ser humano é a arte de contar histórias. Por meio delas é possível expressar sentimentos, experiências, emoções e transmitir culturas entre gerações. Na infância costuma ser expressa por meio da literatura e das brincadeiras. No entanto, conforme vimos no decorrer desse trabalho de pesquisa, o que antes era tido como uma mera expressão artística ou brincadeira infantil, hoje é reconhecidamente uma prática pedagógica capaz de possibilitar às crianças aprendizes a oportunidade de refletir sobre si mesmas, sobre seus conceitos e pré-conceitos, bem como sobre seus lugares no mundo enquanto cidadãos.

A presença da contação de histórias, tanto nas salas de aula observadas quanto em sua biblioteca, constitui uma realidade do cotidiano da escola em questão, em particular nas turmas dos grupos IV e V. A partir das nossas observações, ficaram evidenciadas a viabilidade e importância do emprego da contação de histórias, sobretudo no que diz respeito à facilitação do processo de ensino e aprendizado.

A escola tem um importante papel a exercer, pois deve cuidar para que o aprender se torne uma conquista que liberta, que emancipa e dá autonomia aos seus estudantes. Quando o docente utiliza a contação de histórias para crianças pequenas, tem a possibilidade de mostrar a elas como é o mundo em que vivem. Com a escolha da literatura adequada, o professor ajudará seus estudantes a pensar, a olhar e compreender pouco a pouco aquilo que os rodeia. Embora compreendamos o dinamismo e a complexidade do processo de ensino-aprendizagem, reconhecemos a instituição escolar como o espaço adequado para o desenvolvimento e a aquisição de saberes; e o professor como um agente de transformação social num movimento bilateral, onde as possibilidades e desafios são uma constante.

Ainda nesse sentido, partimos da compreensão da leitura enquanto meio mais eficaz de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade das crianças, ou seja – a subjetividade da criança, seu modo de conceber o mundo e a si mesma. A contação de histórias tem papel significativo nessa construção, uma vez que o processo da leitura deve se dar em contexto com o ambiente social e de convívio das crianças; em nosso entendimento, a postura assumida por quem conta

faz a diferença, podendo levar a criança a despertar o seu senso crítico ou à acomodação e ao ajustamento da ordem social estabelecida.

Ao realizar essa pesquisa, foi possível perceber que por meio da contação de histórias o professor pode tornar o ensinar e o aprender um processo mais significativo, mais atraente, mais prazeroso e menos mecânico, tanto para ele quanto para seus educandos da Educação Infantil. Assim, a contação de histórias pode e deve permear o espaço escolar de maneira mais dinâmica, indo muito além de seu caráter lúdico, não devendo ser compreendida enquanto prática estanque ou isolada das demais atividades escolares. Nesse sentido, concordamos com Mateus et al (2014) que sugerem a incorporação da contação enquanto metodologia enriquecedora da prática docente, dado o seu caráter promotor de conhecimentos e aprendizagens múltiplas

Ademais, vivemos um período peculiar e igualmente tenso na história da Educação no Brasil, se por um lado temos um significativo movimento de contestação das ideologias que sempre dominaram a lógica educacional, por outro temos um movimento contrário que tende para o retrocesso. Desse modo, e conforme aqui debatido repetidamente, o contar histórias pode e deve ser compreendido enquanto um ato político capaz de promover nas crianças suas capacidades críticas, sobretudo de se pensarem enquanto sujeitos livres, cidadãos possuidores de direitos e deveres. Cabe a quem ensina por meio do contar histórias atentar para a necessidade de defender os interesses dos oprimidos através de uma educação problematizadora, pautada numa compreensão dialógica entre educador e educando. Nesse sentido, esta pesquisa também destacou o aluno como sujeito da aprendizagem e o professor como um mediador por excelência.

Com o avanço das tecnologias, é importante que práticas milenares como a arte de contar histórias não se percam, e, ao contrário, passem a se adaptar às novas demandas da contemporaneidade, sobretudo numa perspectiva crítica que valorize a criança enquanto sujeito capaz de pensar por si. Uma vez que os livros têm sido deixados de lado, e a arte de contar histórias sendo esquecida, coloca-se para a escola e seus educadores o desafio de fazer com que as crianças em idade escolar tomem gosto pela leitura.

Ademais, não se pode perder de vista que a contação de histórias precisa ser pensada a partir de um contexto ampliado, compreendendo-a enquanto método capaz de promover aprendizagens múltiplas. Defendemos aqui que a prática

pedagógica não se resume apenas ao espaço da sala de aula e nem mesmo à própria escola, devendo ser pensada em uma contextualização social.

Concluimos sugerindo que nos ambientes escolares possa haver mais capacitações no sentido de proporcionar aos professores um melhor desempenho e desenvolvimento na habilidade de contar histórias. Sendo viabilizada uma compreensão crítica e ampliada da contação de histórias enquanto prática pedagógica, além de promover melhor manuseio da técnica, possibilitando melhorar suas performances naquilo que eles, em sua grande maioria, já trazem de forma natural, intuitiva e intrínseca.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices** 5. ed. São Paulo: Scipione; 1995.

ALVES, Adelaide. **Subsídios para a Elaboração das Diretrizes Gerais da Educação em Direitos Humanos**- versão preliminar. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 2007.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Abril, 1995.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.

BRASIL, Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Brasília: SEDH/ MEC/ MJ/ UNESCO, 2006.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Subsídios para credenciamento e funcionamento de instituições de educação infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF/ COEDI, 1998.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. MÉTODO DE ANÁLISE DE CONTEÚDO: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Rev Bras Enferm**, Brasília (DF) 2004 set/out;57(5):611-4

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991. 164 p.

COELHO, Betty. **Contar histórias uma arte sem idade**. São Paulo : Ática, 2002.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e Construção do Conhecimento: Metodologia Científica no Caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994. 125 p.

FICAGNA, Marisa Fracalossi; ORTH, Miguel Alfredo. **Educação para um novo cidadão: construindo possibilidades ou relações entre a teoria e a prática**. In: ANDREOLA, Bauduino Antonio et al. (orgs.). Formação de educadores : da itinerância das universidades á escola itinerante. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010. p. 246-262.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 50. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras**. Vol.1. Trad. Bruno Charles Magne.Porto Alegre: Artes Mpedicas, 1994.

KAISER, Wolfgang. **Análise e interpretação da obra literária**. 6. ed. Coimbra: Arménio Amado, 1976. (coleção STUDIUM).

KATO, Mary. **O aprendizado da leitura**. São Paulo Fontes, 1999.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. **Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo : Atlas, 1992.

MANACORDA, M. A. **História da Educação**: da antiguidade aos novos dias. 10.ed.São Paulo : Cortez, 2002.

MATEUS, Ana do Nascimento Biluca; SILVA, Andréa Ferreira; PEREIRA, Elaine Costa; SOUZA, Josiane Nascimento Ferreira de; ROCHA, Letícia Grassi Maurício da; Michelle OLIVEIRA, Potiguara Cruz de; SOUZA, Simone Cunha de. **A importância da contação de história como prática educativa na educação infantil**. Pedagogia em Ação, [S.l.], v. 5, n. 1, out. 2014. ISSN 2175-7003. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/8477> . Acesso em: 03 jan. 2019.

MINAYO, Maria Cecília De Souza. **O Desafio do Conhecimento**: Pesquisa Qualitativa em Saúde. 3ª Ed. São Paulo-Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO. 1994. 269 P.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. **Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa**: Tipos, Técnicas e Características. Revista Travessias. V. 2, n. 3 2008. Disponível em <http://e-revista.Unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3122/2459>

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: Princípios & Procedimentos. Campinas: Pontes, 2009.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Plano Estadual de Educação**: uma construção coletiva (versão preliminar). Curitiba, setembro 2005.

PEREIRA, Aline; BATISTA, Maria. **A Educação Libertadora de Paulo Freire e a Escola Sem Partido**. Colóquio Internacional Paulo Freire. 2016: n. pág. DISPONÍVEL EM <http://coloquio.paulofreire.org.br/participacao/index.php/coloquio/ix-coloquio/paper/viewFile/553/626> Acesso em: 7 Jan. 2019

PERRONE, Moisés, Leyia. **Consideração intempestiva sobre o ensino da literatura**: Inútil poesia e outros ensaios breves. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.P. 345-351.

PIAGET, Jean. **O nascimento da Inteligência da criança**. Editora Crítica: São Paulo. 1986.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. Incentivo à leitura, contação de histórias e a formação de professores: um relato de experiência. **Cad. Ed. Tec. Soc., Inhumas**, v.8, n.1, p. 64-69, 2015. Disponível em:<cadernosets.com.br/index.php/cadernosets/article/download/198/125>.

SALÉM, Nazira. **História da Literatura Infantil**. 2 ed. São Paulo. Mestre Jou, 1970.

SANTOS, J.A.A.; SILVA, J. C. da.; AGUIAR, M. C. C. de **EDUCAÇÃO INFANTIL: A ROTINA NA SALA DE AULA. Caderno de trabalhos de conclusão de curso de pedagogia**. 2007. v. 2. Disponível em : <http://www.lenatec.net/CDS/TCCV2/CD/artigos/santossilva.pdf>

SILVEIRA , Rosa Maria Godoy; NADER, Alexandre Antônio Gilli & DIAS, Adelaide Alves. **Subsídios para a Elaboração das Diretrizes Gerais da Educação em Direitos Humanos- versão preliminar**. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 2007.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Trad. Claudia Schillig. 6. ed. Porto Alegre: Art-Med, 1998.

SOUTO-MAIOR, Sara Duarte. **Partilhando Experiência de Estágio** In: OSTETO, Luciana Esmeralda (org). Encontros e Encantamentos na educação infantil. Campinas: Papirus, 2000.

SOUZA, Roselena Siviero de; Cordeiro, Luciana Peixoto. **Escolas Infantis: leitura e escrita**. Porto Alegre: Edelbra, 1997.

VIEIRA, Evaldo. **Sociologia da Educação: reproduzir e transformar**. 3 ed. São Paulo : FTD, 1996.

APÊNDICE A – CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES PROGRAMADAS PARA A ETAPA DE COLETA DOS DADOS.

**Cronograma
Entrevistas e Outras atividades**

INSTITUIÇÃO	Nº DE PROFESSORAS	Nº DE ENTREVISTADAS	ENTREVISTADA	DATA DA ENTREVISTA
ESCOLA MUNICIPAL DA GUABIRABA	37*	06**	Entrevistada 1	15 de maio
ESCOLA MUNICIPAL DA GUABIRABA			Entrevistada 2	19 de Junho
ESCOLA MUNICIPAL DA GUABIRABA			Entrevistada 3	03 de Julho
* Quantitativo aproximado.				
** Quantitativo sujeito a alterações durante o decorrer da realização da realização das entrevistas.				
PREVISÃO DE OUTRAS ATIVIDADES				
Atividade	Previsão de Início	Previsão de Conclusão	Situação	
Transcrição Entrevistas	Agosto	Setembro	Em andamento	
Escrita do Capítulo III	Setembro	Outubro	A iniciar	

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.**ROTEIRO DE ENTREVISTA**

PERGUNTAS:

1. Qual a sua formação? Quanto tempo?
2. Tem especialização?
3. Possui pós-graduação?
4. Participa de atividade de formação continuada?
5. Em qual turma leciona atualmente?
6. Qual sua concepção sobre a contação de histórias na educação infantil?
7. Você planeja aulas que envolve a contação de histórias? quais tipos de aula?
8. Em qual momento a contação de histórias se faz presente em sua prática pedagógica?
9. Você acha que existem dificuldades para a utilização da contação de histórias nas práticas educativas? Se a resposta for sim, quais seriam essas dificuldades?

APÊNDICE C – RELATÓRIOS DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS DURANTE A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE.

Modalidade de Ensino:	Educação Infantil	Ano escolar:	2018
Unidade de Ensino:	DA GUABIRABA ANEXO II		
Grupo:	GRUPO V	Turma:	B
Professor(a):	ROSILENE BEZERRA DA SILVA ROCHA		

Conteúdos

Linguagens, Códigos e suas Tecnologias

- A expressão gráfica através do desenho.
- Literatura infantil: contos e lendas.

Atividades Realizadas

Atividades de rotina: cântico, oração, contagem dos alunos , observação do tempo, chamada, correção de tarefas. exploração de músicas infantis com movimentação do corpo, leitura do livro " OS TRÊS PORQUINHOS"; releitura da história através de desenhos; identificação , leitura e escrita do numeral 3.

Modalidade de Ensino:	Educação Infantil	Ano Escolar:	2018
Unidade de Ensino:	DA GUABIRABA ANEXO II		
Grupo:	GRUPO V	Turma: B	Turno: Manhã
Professor(a):	ROSILENE BEZERRA DA SILVA ROCHA		

Conteúdo

Ciências Humanas e suas Tecnologias.

- Identificação de elementos que compõem o meio ambiente e compreensão sobre atitudes de preservação.
- Percepção através de atividades coletivas e individuais de alguns cuidados necessários à preservação da vida e do ambiente.

Atividades Realizadas

Atividades de rotina: cântico, oração, contagem dos alunos, observação do tempo, chamada, correção de tarefas. exploração de músicas infantis com movimentação do corpo Exploração de vídeos sobre ecologia e a importância da preservação do meio ambiente; AS consequências da falta de água para os seres vivos; confecção de cartaz com pituras feitas pelas crianças; identificação da palavra ÁGUA em pequeno texto.

Modalidade de Ensino:	Educação Infantil	Ano Escolar:	2018
Unidade de Ensino:	DA GUABIRABA ANEXO II		
Grupo:	GRUPO V	Turma: B	Turno: Manhã
Professor(a):	ROSILENE BEZERRA DA SILVA ROCHA		

Conteúdos

Linguagens, Códigos e suas Tecnologias

- Escrita do próprio nome.
- Trabalho com letras do alfabeto.

Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias

- Construção da ideia de quantidade e da relação com os numerais.

Atividades Realizadas

Atividades de rotina: cântico, oração, contagem dos alunos , observação do tempo, chamada, correção de tarefas. exploração de músicas infantis com movimentação do corpo. Exploração do livro: O ELEFANTE(contação de histórias); contação feita pelas crianças a partir da leitura de imagens; roda de conversa sobre a vida dos elefantes: características, alimentação e habitat ;identificação da vogal E no nome do animal.

Modalidade de Ensino:	Educação Infantil	Ano Escolar:	2018
Unidade de Ensino:	DA GUABIRABA ANEXO II		
Grupo:	GRUPO V	Turma: B	Turno: Manhã
Professor(a):	ROSILENE BEZERRA DA SILVA ROCHA		

Conteúdos

Linguagens, Códigos e suas Tecnologias

- Literatura infantil: contos e lendas.
- Diferentes usos e finalidades sociais da leitura.

Atividades Realizadas

Atividades de rotina: cântico, oração, contagem dos alunos, observação do tempo, chamada, correção de tarefas. exploração de músicas infantis com movimentação do corpo | Roda de conversa sobre o livro infantil (dia nacional do dia infantil); apresentação dos personagens das histórias de Monteiro Lobato; identificação da vogal em estudo (I) no nome dos personagens; exploração de vídeos com historinhas do SÍTIO DO PICA PAU AMARELO (animação).

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO.

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Cumprimento Sr./Sr. ^a ao tempo em que solicito a sua participação na pesquisa intitulada: **A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NOS ANOS INICIAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL E SUAS CONTRIBUIÇÕES NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM.**, integrante do **Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação**, da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. A referida pesquisa tem como objetivo principal Compreender a importância da prática de contação de histórias enquanto instrumento facilitador no processo de ensino e de aprendizagem, bem como, o seu aspecto lúdico e imaginativo e suas contribuições para o desenvolvimento infantil.e será realizada por LEONARDO JOSÉ NUNES DE ASSIS, estudante do referido curso.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de _____, com utilização de recurso de gravação de áudio, a ser transcrita na íntegra quando da análise dos dados coletados. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, contudo, será mantido o anonimato dos respondentes participantes da pesquisa. Dessa forma, a participação na pesquisa não incide em riscos de qualquer espécie para os respondentes. A sua aceitação na participação dessa pesquisa contribuirá para o/a licenciando escrever sobre o tema que estuda, a partir da produção do conhecimento científico.

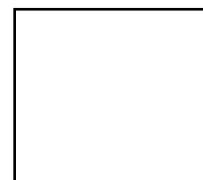
Consentimento pós-informação

Eu, _____, estou ciente das condições da pesquisa, acima referida, da qual livremente participei, sabendo ainda que não serei remunerado/a por minhas contribuições e que posso afastar-me quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo/a pesquisador/a, ficando uma via para cada um/a.

Recife, PE, ____ de _____ de 2018.

Assinatura do/a participante

Assinatura do/a pesquisador/a



Impressão do dedo polegar caso o/a
participante não saiba assinar.